

## FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MERCADO DE TRABALHO\*

MARIA BEATRIZ LOUREIRO DE OLIVEIRA\*\*

Roberto Shinyashiki, consultor organizacional, em recente artigo na revista *Voce S.A.*, de agosto de 98, aborda a busca da felicidade como sendo uma vantagem competitiva. Trata nossa época como a Era do Caos e diz que é necessário que gostemos de adrenalina e de desafios. Diz que as pessoas felizes têm de ter humildade para aprender com os outros, crescer junto com outras pessoas, ter capacidade para superar as dificuldades do dia-a-dia. O que está em jogo, para ele, é o fato de que ter sucesso é buscar a felicidade.

Estudiosos norte-americanos vêm pesquisando, a pedido de grandes empresas, que características têm as pessoas que se destacam. Uma das mais recentes, do Professor Roberto Kelley que lançou um livro este ano sobre “Como ser uma estrela no trabalho”, detectou que não se tratava de pessoas mais inteligentes que outras, com características de liderança, com traços de personalidades distintas. Tratava-se de pessoas que não se distinguiam de outras que apresentavam desempenho médio. Tratava-se de pessoas que sabiam o que fazer com os talentos que tinham. No mais ele repete todos os atributos que um sujeito tem de ter para se destacar: ter iniciativa, capacidade de decidir, correr riscos, que sejam líderes capazes de atrair seguidores e quando não estão no papel de líderes possam colaborar com quem está na liderança.

Tudo isto está em pauta em nossos dias.

Fala-se muito em criar uma consciência de mudança, enfocando sempre o atual desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

---

\*Trabalho apresentado em mesa redonda da “Jornada de Educação: novos tempos, novos caminhos (?)”, FCL/UNESP/CAr., 1998.

\*\* Professora Doutora do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras UNESP - de Araraquara.

Observo que o homem, como não possui “chips” ou “placas de expansão”, precisa mudar atitudes e comportamentos frente às novas exigências.

Os jovens, diante da discussão que acaba se reduzindo a questões como qualidade, produtividade, competitividade e desemprego estrutural, acabam por se sentirem, frente a exigências e requisitos profissionais para o terceiro milênio, como alguém pouco preparado para enfrentar os novos desafios.

Ao contrário da pretensão de entrarmos na vala comum dos “futurólogos”, é preciso que substituamos a atitude de “deixar acontecer” pela competência histórica que é a de “fazer acontecer”.

As perspectivas de que temos de nos antecipar ao futuro ou de que temos de ir em busca do sucesso, fazem com que o jovem não consiga viver o seu presente. Desta forma, ele acaba pensando em profissões que lhe garantam o sucesso profissional.

Em pesquisa recente, feita nos Estados Unidos, com pessoas de grande repercussão no mundo da música e da arte, como por exemplo Elvis Presley, Janis Joplin, Marilyn Monroe e outros, constatou-se que as pessoas que vivem do aplauso popular e buscam o sucesso, a qualquer preço, acabam, em determinados momentos, entrando em profunda depressão e chegam ao suicídio.

A conquista de uma carreira de sucesso acaba se sobrepondo à conquista da felicidade e à vontade de viver. Os jovens se perguntam: - Como conseguir emprego num mundo tão exigente e competitivo?

Costumamos dizer que, à medida em que a oferta de empregos diminui e, contraditoriamente a “economia” apresenta índices de crescimento, emprego, da forma que concebemos, tende a desaparecer, mas trabalho sempre haverá.

O conceito de pedir emprego foi substituído pelo de empregabilidade.

A economia do neo-liberalismo trata empresas e trabalhadores como “peças da mesma engrenagem”. Este raciocínio generalizado é, no mínimo, triturador para o ser humano.

Não podemos nos recusar a perceber as novas exigências do mercado competitivo. Este requer pessoas que saibam correr riscos, trabalhar em equipe, apresentar idéias criativas, administrar seu tempo e que tenham múltiplas habilidades, além da curiosidade e flexibilidade.

Costumo dizer que somos seres multipotenciais e que o diploma não é atestado de condenação!

Os jovens equivocam-se ao buscar uma profissão do futuro. Não existe profissão do futuro. O que existem são profissionais de futuro.

Ao iniciar um curso superior já se começa a construir a carreira profissional. As áreas hoje estão muito diversificadas e interligadas.

É fundamental, hoje, que o jovem tenha um curso superior. Porém, é quase um consenso, que o curso escolhido não tem muita importância pois não há como relacionar cursos a garantia de emprego ou a emprego do futuro.

O que importa é o seu crescimento intelectual nas áreas que você tem talento. O difícil, talvez, é descobrir os seus talentos! A faculdade hoje serve de estímulo a esse crescimento intelectual requerido pela sociedade e pelo mercado de trabalho.

A cultura geral nunca foi tão valorizada como hoje. É necessário que o jovem adquira os hábitos de ler livros, ver filmes, fazer viagens, freqüentar cursos de especialização, estar atualizado com a leitura crítica de jornais e revistas, dedicar-se ao uso da informática e ao estudo de idiomas. O profissional do futuro deve ter fluência em, pelo menos, duas línguas. O mercado pede um “cidadão do mundo”, viajado, que saiba se virar tão bem em Londres quanto em Cingapura.

Estarão em alta profissões de caráter social, ou seja, aquelas ligadas nas áreas de educação, transporte, saneamen-

to, alimentação, preservação do meio ambiente e comércio, entre outros.

Para as empresas os requisitos mais valorizados hoje, além do domínio da linguagem técnica, são: capacidade de utilização de equipamentos e materiais sofisticados, comunicar-se bem de forma oral e escrita, trabalhar em grupo, observar, interpretar e tomar decisões, capacidade de adquirir e processar novas informações, pensar antes de fazer, ou seja, ter versatilidade funcional.

Os principais defeitos atribuídos aos profissionais que almejam desenvolver-se são: falta de visão de conjunto, imediatismo, superficialidade, dispersão e inconstância de objetivo, cultura geral deficitária, pouca criatividade e dificuldade de lidar com pessoas.

Portanto, é importante que você conheça suas qualidades e talentos. O Professor Howard Gardner, da Universidade de Harvard afirma que as pessoas não possuem uma única inteligência. Fala-se hoje das inteligências múltiplas. Elas estariam ligadas às inteligências interpessoal, musical, verbal, matemática, intrapessoal (ou emocional), visual-espacial e corporal.

Significa dizer que temos talentos múltiplos e o mundo globalizado requer que os utilizemos com competência.

Por isto é que há engenheiros que sentem necessidade de estudar filosofia, economistas que não prescindem dos conhecimentos das áreas de educação e saúde, médicos que precisam entender de administração, jornalistas e outros profissionais que necessitam estudar assuntos relacionados aos estudos ambientais, e assim por diante.

Ocorre que as atividades profissionais estão em constante mutação. Por isto reafirmo que diploma de curso superior não é atestado de condenação, muito ao contrário. O percurso profissional das novas gerações é muito diferenciado daquele das gerações anteriores.

Para concluir, gostaria de lembrar que um dos gênios mais persistentes da história foi Einstein. Muito embora tivesse sido reprovado na admissão para a Escola Politécnica de Zurique, pois, segundo o que consta, não passou nas provas de química, biologia e de francês, e, após ter ouvido o conselho de se afastar da física pois não era sua área de competência, depois de alguns anos “mostrou a língua” a todos aqueles que não reconheceram seu talento.

Gostaria agora de falar sobre o Papel do Pedagogo neste contexto.

Carlos Alberto Di Franco, professor de Ética jornalística da Universidade de Navarra, escreveu um artigo no Espaço Aberto do Jornal “O Estado de São Paulo”, intitulado “O Jornalista e o Educador”, no qual compara os dois profissionais e diz que “o professor com sua conduta pessoal e profissional e pessoal, educa ou deforma. O jornalista, com seu profissionalismo ético ou sua leviandade de ocasião informa ou desinforma.” (1998, p.72)

Atribui o autor à falência da verdade como principal causa da decadência de qualquer sociedade. Propõe então que se recupere o primado da verdade. Afirma que esta é a missão essencial do jornalista e do educador. Diz que não podemos viver de costas para a verdade e para a liberdade.

Além disto aponta para o fato de que certas teorias no campo da educação estão apresentando resultados perversos e criando uma legião de desajustados sob o dogma da psicologia traumatizante.

Credita isto à versão tupiniquim de Summerhill que tem gerado “delinquentes de luxo”. Não sei se vocês têm conhecimento mas a Summerhill School foi inaugurada em 1921, em Londres. Seu fundador, A.S. Neill, era seguidor de Freud e definia sua escola como “um princípio de realidade não repressivo”. Summerhill foi a primeira escola da pedagogia alternativa. Em 1993 uma edição Especial da Folha de São Paulo (1993, p.19) entrevistou ex-alunos da

escola e constatou que a maioria deles optam por escolas tradicionais, ao matricular seus filhos. Descrevem a experiência da Summerhill como algo que proporcionou “crescimento pessoal”, “autonomia” e “criatividade”. Muitos ex-alunos estrangeiros e ingleses elogiam os princípios de liberdade e autogestão propostos por Summerhill e dizem que, em contrapartida, apontam o despreparo intelectual como uma das indesejáveis marcas da escola. Dizem os ex-alunos que em algum momento de suas vidas se sentiram ignorantes, apesar da autoconfiança que a escola desenvolvia. Diz a matéria que aos 17 anos muitos deles não sabiam resolver problemas básicos de matemática ou questões gramaticais elementares. Zoe Neill, filha do fundador da escola (que em 1993 era a diretora da escola) dizia que a instituição pensava diferente. Em sua declaração afirmava que “em Summerhill aprende-se a ser responsável. Se um de nossos alunos tem dificuldade em gramática cabe a ele reconhecer isto e preencher as lacunas de seu conhecimento” e completava “se tenho uma vida afetiva plena e feliz, estou pouco ligando se outra pessoa domina melhor a gramática do que eu”. (Folha de S.Paulo, 1993, p.19)

O problema que a maioria dos alunos tiveram foram as dificuldades de adaptação ao deixarem a escola.

Neill era um escocês grandalhão, que morreu aos 90 anos em 1973, e estava desgostoso com o que haviam propagado sobre sua escola. O seu livro “Summerhill: uma radical abordagem na Educação da Criança” foi um sucesso estrondoso. O mundo acadêmico dizia que o livro era o mais desafiador depois do Emílio de Rousseau e colocava Neill do lado de educadores como Pestalozzi porque ao invés da Tirania e do medo buscava trazer “luz e amor para os lugares”. Mas Neill se ressentia pelo fato de que Summerhill tinha provocado mal-entendidos a ponto de confundir a liberdade pregada com anarquia.

Não sei se vocês tiveram a oportunidade de assistir o filme “Sociedade dos Poetas Mortos” onde o Robin Williams representa o professor Sam Pickering.

Sam Pickering, professor em várias universidades americanas, e ex-professor do roteirista do filme - Tommy Schulman - que descreve relações entre professor-aluno em uma Universidade americana conservadora dos anos 50. Em entrevista concedida a uma jornalista, Sam Pickering diz que a educação não é capaz de curar a sociedade. Numa sociedade, dizia ele, “onde as drogas estão à solta, a violência corre solta, a Aids está se espalhando, as pessoas não têm emprego, as crianças não estão tendo o suficiente para comer” (Folha de S.Paulo, 1993, p.19), ensinar as pessoas a serem “politicamente corretas” pode ser um papo importante para a classe média alta.

Ele entende que os ideólogos são perigosos e diz que não quer que os alunos concordem com ele. Por isto sempre inicia suas aulas dizendo para a classe que vai insultá-los e não se importa se eles o odiarem, o que deseja é que seus alunos tenham “alguém com quem possam testar suas idéias” (Folha de S.Paulo, 1993, p.19). Quer que seus alunos vão além dos lugares-comuns. Não gosta de receitas prontas e diz que “ensinar crianças que vivem em bairros onde seus amigos estão sendo baleados”, e dizer o que é bom para elas é a maior arrogância. Finaliza a entrevista dizendo que “os programas educacionais deveriam se concentrar mais no reconhecimento da gama de talentos que um aluno pode ter”.

Retomando, então, o artigo de Di Franco para que possamos ir além dos lugares-comuns em nossa reflexão, o autor se reporta à necessidade que temos hoje de recuperar o verdadeiro humanismo, com a demanda que a juventude amadurecida tem em recuperar valores como a amizade, a fidelidade, o amor e o respeito.

O jornalista conta que o sociólogo norte-americano Christopher Lasch, autor do livro Rebelião das Elites, mostra as conseqüências dramáticas da aparente tolerância.

O fato de pretender-se que as pessoas se sintam bem com elas mesmas, traz como saldo uma “geração desnorteada, vazia e precocemente envelhecida”, diz ele. Difunde-se hoje pela mídia uma falsa visão de felicidade. Conceitos hoje como independência, realização e autonomia são próprios do egoísmo que trazem como conseqüência “o inchaço do ego e o emagrecimento da solidariedade”, fazendo minhas as palavras do jornalista.

Entendo, portanto que tratar da Pedagogia hoje, para mim, é tratar de uma questão ética.

Marilena Chauí, num texto sobre O que é ser Educador hoje, coloca que Espinosa, como todo filósofo, não considera os afetos de um ponto de vista “psicológico”, mas como disposição interior, ethos. Alegria é o sentimento vindo de nossa força interna e capacidade para agir. Proporciona o aumento de pensamento e de ação e é o caminho da autonomia individual e política. Tristeza é a diminuição de nossa capacidade para agir, o aumento de nossa impotência e a perda de autonomia. Tristeza é o caminho da servidão, individual e política, expressa através do medo e ódio recíprocos. (Chauí, 1985)

A autora mostra como o chamado “progresso tecnológico” vem sendo o resultado da exploração física e psíquica de milhões de homens e mulheres.

Gostaria aqui de reproduzir uma frase de Otavio Paz que diz “o progresso tecnológico povoou a história com as maravilhas e os monstros da técnica, mas desabitou a vida dos homens. Deu-lhes mais coisas, mas não lhes deu mais ser”. (Chauí, 1985, p.57)

Chauí mostra que as reformas educacionais no Brasil após 68, no intuito de acompanhar o “progresso” provocaram a morte da pedagogia como arte de ensinar. Transformou assim a pedagogia em ciência e o educador em cientista prático.

Como o discurso e a prática científicos são poderosos instrumentos de inclusão e exclusão social, acabamos fa



zendo o papel, sem perceber, que a tecnologia é uma das formas de criar incompetentes sociais.

Vejam o exemplo prático de se tentar a melhoria do ensino público colocando computadores nas escolas!

Para romper com as armadilhas da pedagogia como ciência e com a violência chamada modernização, Chauí propõe que se recupere a pedagogia como arte de ensinar.

Vejam o discurso do governo e a proposta do Banco Mundial para a educação hoje. Eles dizem que precisamos dar educação para o país desenvolver, para melhoria do mercado de trabalho em função do progresso científico e tecnológico. Como dizia Neidson Rodrigues, sobre a proposta pedagógica na escola, “precisamos dar educação porque é um direito subjetivo de todos serem educados para se tornarem cidadãos capazes de compreender e assumir seu papel na cultura moderna, independente se isso vai produzir desenvolvimento”. (Rodrigues, 1992, p.130)

Entendemos que a universalização do ensino só pode se efetivar à medida em que haja descentralização do saber socialmente elaborado. O acesso de todos à norma culta.

A abertura da escola de qualidade para todos, de modo a assegurar o acesso ao saber só pode ocorrer à medida em que se democratiza o processo decisório. Não precisamos de mais diagnósticos, estes já estão feitos. Precisamos ter uma nova leitura e de articulação do real. Baseada em um modelo formal de levantamento, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, por exemplo, tem tomado decisões de gabinete, com base na racionalidade burocrática, acreditando que com isto vai diminuir a repetência e a evasão escolares.

A população quer um ensino de qualidade. Vejam o exemplo vergonhoso do sorteio de vagas nas boas escolas públicas. Sabemos que na terminologia do “moderno mercado mundial” “qualidade” quer dizer “excelência” e a excelência quer dizer privilégio e nunca um “direito”.

Em suma, os que falam sobre qualidade no mercado referem-se sempre à qualidade dos “incluídos” ou “integrados”, nunca dos “excluídos” ou “marginais”.

Entendemos que um novo discurso da qualidade deve inserir-se na democratização radical do direito à educação. Porque numa sociedade plenamente democrática não pode haver contradição entre o acesso à escola e o serviço por ela proporcionado.

A escola pública é o local onde se exercita este direito e não o mercado.

Há portanto três conclusões básicas que devemos ter como princípio:

- 1) Qualidade para poucos não é qualidade, é privilégio.
- 2) Qualidade não se compra e vende como se fosse uma mercadoria, onde alguns têm acesso a mercadorias de qualidade e outros não.
- 3) Numa sociedade democrática e moderna a qualidade é um direito de todos os cidadãos, sem distinção. Não podemos negar às maiorias os seus direitos.

Não se pode desconhecer, conforme Saviani vem observando, que a escola é a forma dominante e principal de educação. Para compreendermos as outras modalidades de educação é preciso que compreendamos a escola.

E eu pergunto: quantos pedagogos brasileiros, diretores e professores foram chamados para discutir a pretensa “nova” política de ensino em nível municipal, estadual e federal?

Como diz Kuenzer “é preciso penetrar na intimidade da escola, ouvir seus alunos, discutir com seus professores, conhecer a comunidade, analisar o seu projeto pedagógico enquanto acontecendo”. (Kuenzer, 1993)

Ocorre que, os diagnósticos e decisões no campo educacional têm sido tratados pelos políticos sem envolvimento das pessoas ou dos grupos que sofrem seus efeitos. Assim como Kuenzer acho que não devemos com isto cair nos ex-

tremos que são o populismo - que prega a suficiência do saber popular -, e o autoritarismo burocrático - que entende que este assunto é da competência dos especialistas.

Acredito que os diagnósticos e as decisões no campo educacional devem privilegiar a função pedagógica do planejamento dos políticos educacionais, criando um “espaço coletivo para discussão, para sistematização, para apropriação de instrumentos teórico-metodológicos que permitam aos participantes rever suas posições, avaliar suas práticas e transformá-las.” (Kuenzer, 1993, p.78)

Agora, só para finalizar e refletir junto com vocês sobre o importante papel do pedagogo na sociedade queria falar um pouco sobre um dos maiores educadores de todos os tempos.

Janusz Korczak era um médico polonês que foi mártir e herói da luta contra o fascismo, e participou do martírio do povo polonês e dos judeus. Deixou importantes obras pedagógicas que resultaram de seu trabalho com órfãos completamente desprotegidos. Em suas obras pedagógicas, diz Tomkiewicz (1983), Korczak “estava à margem de todas as ideologias e correntes científicas existentes na Europa, naquela época - marxismo, psicanálise, psicologia, genética”. Segundo o autor, ele as conhecia mas “jamais subordinava as crianças e a prática às pressuposições teóricas.” (Tomkiewicz, 1983, p.14-5)

Tomkiewicz afirma que “os grandes pedagogos que trabalharam para o bem da criança foram, antes de tudo, teóricos que aplicaram na prática as teorias que tinham elaborado.

Exemplos disto são os estudos da criança deficiente em Decroly e Montessori e da criança normal como Jean Piaget. E outros mais próximos de Korczak como Makarenco que tem uma obra importante com jovens delinquentes e na geração atual Neill na Inglaterra e Bettelheim nos E.U.A.

Todos esses pedagogos romperam com a pedagogia clássica, de tendência autoritária. Porém Korczak nunca substituiu a autoridade por uma completa liberdade, não deixava

que as crianças e adolescentes se desembaraçassem sozinhos, na angústia, na insegurança. Ele acreditava que deveria haver uma colaboração entre eles e os adultos que, necessariamente, deveria ser conflitante. Dizia ele que não se pode querer que uma instituição seja tranqüila, porque o drama e o conflito fazem parte da evolução da criança e do adolescente e toda evolução é conflitante.

Tomkiewicz chega à conclusão de que o que há de melhor, mesmo nos grandes teóricos, “é precisamente o que está além das teorias; é tudo o que não escreveram, é a personalidade deles, o seu carisma, a sua faculdade de comandar os outros, tudo o que dão de si mesmos”.

Fazendo minhas estas palavras, eu diria a vocês que a recuperação da relação verdade e liberdade na construção da cidadania, requer que vocês façam o que Korczac dizia: “Não se esforce para ser um educador austero, com contabilidade psicológica no coração e código pedagógico na cabeça” (Abramovich, 1983, p.11).

## BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, F. Prefácio à edição brasileira. In: KORCZAC, J. *Como amar as crianças*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CHAUÍ, M. O que é o educador hoje? Da arte à ciência: a morte do educador. In:  
BRANDÃO, C.R. et al. *O educador: vida e morte*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- DI FRANCO, C.A. O jornalista e o educador. *O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 16 fev. 1998, p. A2.
- KUENZER, A. Política educacional e planejamento no Brasil: os descaminhos da transição. In: \_\_\_\_\_. *Planejamento e educação no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1993.
- RODRIGUES, N. A organização escolar e a proposta pedagógica. *Idéias*, v.15, p.130, 1992.

TOMKIEWICZ, S. Originalidade e atualidade da obra de Janusz Korczak. In:

KORCZAK, J. *Como amar uma criança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

WORLD Media. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 06 jun. 1993. Caderno Especial, p.19.